Vol. 34, nº 3 (2026)

LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: O ESPAÇO COMO ELEMENTO SUBSTANCIAL EM UMA NARRATIVA

***

BRAZILIAN CONTEMPORARY LITERATURE: SPACE AS A SUBSTANTIAL ELEMENT IN A NARRATIVE

Gabriela Rodrigues Santana dos Santos[1]

Recebimento do Texto: 10/05/2026
Data de Aceite: 05/06/2026

Resumo: Este artigo foi produzido a partir de uma análise do espaço ficcional do romance *O crime do Cais do Valongo* (2023), de Eliana Alves Cruz. Dessa forma, o objetivo deste estudo correspondeu à investigação da espacialidade em que o enredo se desenvolve, a fim de verificar quais as ressonâncias da ficcionalização desse lugar histórico/real. Metodologicamente, a pesquisa deu-se de modo bibliográfico, por meio de uma leitura dirigida e interpretativa do romance, seguida da seleção de cenas envolvendo o espaço Cais do Valongo e, por fim, foram identificados efeitos de sentidos produzidos por essa narrativa acerca dessa espacialidade. Como resultados, verificou-se que a construção do elemento espaço nesse romance apresenta uma substancialidade que sustenta toda a narrativa e cria efeitos de sentidos vinculados à representação literária e à memória histórica e coletiva.

Palavras-chave: Eliana Alves Cruz. O Crime do Cais do Valongo. Espacialidade simbólica.

Abstract: This article was developed based on an analysis of the fictional space in the novel *O crime do Cais do Valongo* (2023), by Eliana Alves Cruz. Accordingly, the objective of this study was to investigate the spatiality in which the plot unfolds, in order to examine the resonances arising from the fictionalization of this historical and real place. Methodologically, the research followed a bibliographic approach, consisting of a guided and interpretative reading of the novel, followed by the selection of scenes involving the space of Cais do Valongo. Finally, the study identified the effects of meaning produced through the narrative regarding this spatiality. The results indicate that the construction of space in this novel possesses a substantiality that sustains the entire narrative and generates effects of meaning linked to literary representation, as well as to historical and collective memory.

Keywords: Eliana Alves Cruz. O Crime do Cais do Valongo. Symbolic spatiality.

1 Introdução

No que diz respeito aos elementos da narrativa, o espaço configura-se como um aspecto crucial para as grandes produções ficcionais da literatura brasileira. Durante o Arcadismo, toda e qualquer paisagem foi exaltada como lugar "ameno"; no Romantismo, as paisagens nacionais foram convocadas pela literatura para projetar o amor pela pátria, o Brasil, país em que as aves gorjeiam de modo mais singular que qualquer outro lugar. O Rio

[1] Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: gabriela.santos1@unemat.br

de Janeiro, por exemplo, tornou-se palco dos principais romances urbanos (que desvelaram as hipocrisias da burguesia), e o interior do Brasil passou a ser o cenário de narrativas que buscavam revelar práticas e costumes do homem sertanejo, mesmo que, por vezes, de forma estereotipada. No século XIX, os naturalistas, por meio do romance de tese, tentaram exprimir os instintos humanos que afloram, determinados pelo meio em que estavam inseridos, por suas raças e pelo momento histórico. A título de exemplo, o cortiço, do romance homônimo (de Aluísio Azevedo), é o palco das chagas sociais do grupo de pessoas que foi, segundo o romance, corrompido pelo meio, pela coletividade.

Ademais, cabe citar obras como *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (1956), em que o sertão é o mundo, ou seja, não somente uma região (tendo como referência o sertão da região que engloba Minas Gerais, Goiás e Bahia) em que jagunços atuam, mas também uma espacialidade em que o amor surge, o dualismo complexo impera (Deus e Diabo, vida e morte) e tantas questões humanas que não estão restritas ao sertão brasileiro permeiam a narrativa, pois são universais. Em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1938), a seca altera o cenário, gera a fome e a necessidade de migração por parte das personagens, bem como influencia o modo de vida e as subjetividades.

Dessa forma, os espaços das narrativas literárias podem ser diversos, um país, um estado, uma cidade, uma região, uma vila, uma casa, um quarto, um elevador, uma rua, um ponto de ônibus, a margem de um rio, entre tantas outras possibilidades que dependerão do engendramento que será construído por cada projeto literário. Contudo, vale destacar que muitos espaços literários estabelecem diálogos com realidades históricas e representam ou projetam espaços não literários, como o romance que será analisado neste estudo.

Ao tratar da espacialidade literária, Gama-Khalil (2020, p. 216) discorre que "o espaço desempenha relevo capital para os efeitos de sentido gerados pela obra literária". Nesse sentido, por vezes, o espaço em que as narrativas se passam simboliza mais do que uma ambientação; esse elemento ganha contornos que implicam uma atribuição verossímil para gerar identificação e reconhecimento de um espaço material (real) e gera efeitos de sentido, como o de resgate histórico e político do espaço ficcionalizado.

O crime do Cais do Valongo, segundo romance de Eliana Alves Cruz (2023), apresenta um enredo que tem como espaço a região do Cais do Valongo, localizada no Rio de Janeiro. Em 2017, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a

Cultura (UNESCO) integrou o Cais do Valongo à lista de Patrimônio Mundial; tal reconhecimento está relacionado ao fato de esse lugar ter sido a principal entrada de africanos escravizados ao Brasil e às Américas. Atualmente, o monumento é preservado como forma de manter viva a memória da violência cometida contra as pessoas que desembarcaram em solo brasileiro para serem escravizadas e recebe visitações por meio do Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana.

O livro foi publicado pela editora Malê, fundada por Vagner Amaro e Francisco Jorge em 2015. A referida editora tem um papel importante para publicação, divulgação e circulação de obras e escritores negros contemporâneos brasileiros, integrando um movimento nacional de descentralização da literatura brasileira. Nesse contexto, a autora da narrativa é Eliana Alves Cruz, que nasceu no Rio de Janeiro e, além de escritora, é jornalista e ganhou a cena literária por meio do premiado romance *Água de barrela* (2016). Eliana integra um grupo de escritoras negras, "descendentes" de Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, que fissuraram os muros do campo da literatura e que está construindo um projeto literário consistente e pertinente para a literatura contemporânea brasileira, processo viabilizado por projetos editoriais, como o da Malê, para a formação de leitores negros e engajados na reparação histórica necessária no campo literário.

Este artigo tem como objetivo a análise do espaço predominante em que as ações se desenvolvem no romance *O crime do Cais do Valongo* (2023). Para isso, realizamos um recorte, de modo a selecionar passagens em que são apresentadas narrações e descrições envolvendo o Cais do Valongo, região portuária do Rio de Janeiro, a qual é representada no romance como sendo a "entrada" de africanos sequestrados, marcados, trazidos e comercializados para serem escravizados no Brasil. Nesse percurso, recorremos às contribuições teóricas de Abdias do Nascimento (1978), Marisa Martins Gama-Khalil (2010) e Regina Dalcastagnè (2012).

A princípio, verificamos a mobilização da verossimilhança, visto que o espaço apresentado na obra estabelece um diálogo com a realidade. O Cais do Valongo não é apenas o espaço em que a história se passa, mas também uma representação de um cenário real, o qual foi palco da escravidão, das crueldades e das violências cometidas pelos brancos aos negros. O Cais do Valongo é um elemento substancial para a construção da narrativa e, desta

feita, não é possível realizar uma análise do romance sem estabelecer um diálogo entre o ficcional, a realidade histórica e a memória.

A trama é conduzida por duas vozes narrativas a partir das perspectivas dos personagens Muana e Nuno, as quais se alternam e constroem o romance em um fluxo que mescla testemunho (de uma africana que sobreviveu à travessia marítima mortal) e um ponto de vista de alguém que quer desvendar um mistério, embora Nuno integre a narrativa enquanto narrador-personagem. A obra é composta pelas recordações de Muana, as quais ela decidiu registrar (Cruz, 2023, p. 189). O Cais do Valongo atravessa a subjetividade da personagem Muana, uma vez que é o palco das atrocidades e crueldades cometidas aos africanos que, assim como ela, chegavam do continente africano, e foi o primeiro lugar que Muana pisou após dias em alto-mar, depois de ter sido sequestrada e trazida para o Brasil.

O Valongo é o lugar onde o fato que fundamenta o romance ocorre, a morte do comerciante Bernardo Lourenço Vianna. Apesar de o romance apresentar outros espaços, como Quelimane, em Moçambique, e outras regiões do Rio de Janeiro, é a região do cais, "[...] ambiente lúgubre do entorno do cais" (Cruz, 2023, p. 64), o espaço predominante para as principais ações desenvolvidas e que conecta as personagens. Diante disso, este estudo, a partir de excertos da obra, abarcará os contornos e os sentidos construídos dentro do romance e como esse arranjo literário potencializa a obra e cria uma representação simbólica não só do Cais do Valongo, mas também de um Rio de Janeiro essencialmente negro.

2 "Ver com os olhos do discurso literário"

A instância do espaço neste artigo não corresponde apenas ao local em que o enredo é desenvolvido, mas também a um símbolo de dor, opressão, violência, silenciamento e morte. Entretanto, sabe-se da diferença entre o discurso literário sobre o Cais do Valongo e a materialidade desse referente. O que se pretende tratar nesta análise são as relações e os efeitos de sentidos projetados pela ficcionalização desse espaço real que foi transformado em espaço ficcional em *O crime do Cais do Valongo* (2023).

De acordo com a pesquisadora Regina Dalcastagnè (2012, p. 5), "todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa". Tanto a literatura, quanto o espaço representado, torna-se, nessa perspectiva, um espaço em que há

uma disputa de poder discursiva, mas também da memória. Em *O crime do Cais do Valongo*, a literatura é convocada para reescrever o que a História apagou. A literatura é tomada como espaço de ficcionalização, mas também de reelaboração de um passado soterrado. Afinal, o Valongo é lugar em que "[...] ossos que estão soterrados em cova rasa e são descobertos pela chuva" (Cruz, 2023, p. 68). A imagem desse espaço faz pulsar tanto a memória histórica quanto o eixo literário. No início do romance, ao descrever a situação do cadáver do Bernardo, Nuno afirma que: "[...] um morto em meio à imundície tradicional. Vai lá que, pensando bem, ele até que compunha bem o cenário" (Cruz, 2023, p. 12). Tal afirmação desvela a configuração do espaço, marcado pela sujeira e pelo mau odor. Ao longo da leitura da narrativa, descobrimos que o fato de o corpo de Bernardo ter sido jogado nesse ambiente é intencional e corresponde a um mecanismo do arranjo literário produzido por Eliana no romance.

Bernardo era um comerciante em ascensão, estava prestes a se casar novamente com uma jovem mais nova e havia comprado uma chácara e mais escravizados, quando foi encontrado morto na região do Valongo. O comerciante era dono da Hospedaria Vale Longo e proprietário dos escravizados Muana, Marianno e Roza. Ademais, havia emprestado dinheiro a Nuno, um dos narradores, este que se livrou da dívida com a morte de Bernardo. Dessa forma, esses personagens passam a ser os principais suspeitos, principalmente para o leitor no início do romance, e se aproximam por conta do crime.

No que diz respeito à narração, a obra apresenta dois narradores. A configuração desses narradores-personagens estabelece uma relação com o que discorre Regina Dalcastagnè (2012, p. 89) sobre o narrador contemporâneo: "[...] estão envolvidos até a alma com a matéria narrada. E seu objetivo é nos envolver também, fazer com que nos comprometamos com seu ponto de vista ou, pelo menos, que percebamos que sempre há um ponto de vista com o qual se comprometer". Isso porque, enquanto Muana apresenta o testemunho de uma africana sequestrada em Moçambique e trazida para o Brasil para ser escravizada pelo Bernardo Lourenço, Nuno narra, em tom irônico e perspicaz, seu percurso investigativo para desvendar quem matou o comerciante. Temos, então, pontos de vista de dois dos suspeitos do crime, apresentando o enredo de formas diferentes; assim, enquanto leitores, precisamos nos comprometer com algum deles (ou com ambos).

Ao se referir à hospedaria Vale Longo, Nuno enuncia:

> [...] um pulgueiro bem próximo aos armazéns, trapiches e tabernas daqueles subúrbios, por vezes recebia quem chegava fugido dos conflitos da Europa e atraído pela presença da Família Real em solo brasileiro, mas não tinha dinheiro para ocupar os lugares nobres da cidade (Cruz, 2023, p. 10).

A hospedaria de Bernardo se localizava em um espaço estratégico do subúrbio do Rio de Janeiro, próximo ao Cais do Valongo, facilitando a hospedagem daqueles que chegavam da Europa, além de ficar perto dos armazéns em que os escravizados estavam antes de serem comercializados. Por intermédio da narração de Nuno, é possível perceber as nuances dessa região e as dinâmicas sociais, políticas e econômicas da época representadas pelo romance.

> [...] a hospedaria do senhor Bernardo ficava na entrada da Rua do Valongo, à direita, no número 38, ao lado de uma loja de fazendas secas. No outro lado da rua, no número 23, havia um enorme armazém para leilões onde cabiam trezentos, quatrocentos pretos. Os reis vieram de Portugal no ano anterior e a cidade parecia explodir de tanta gente. Tudo fervilhava! Tudo era movimento! Saía da freguesia de Santa Rita e passava defronte a esta igreja de mesmo nome. No chafariz, muita gente se amontoava para pegar água. Quando voltava, se o dia estivesse ensolarado, as crianças se divertiam nele (Cruz, 2023, p. 14).

A partir dessa passagem, temos uma imagem da localização da hospedaria, da rotina do lugar, mas também do seu papel estratégico para o sistema econômico da escravatura: compra e venda de pessoas negras.

> O Valongo não era nada bem-visto. Ficava um tanto fora da cidade, que tinha uma costa com muitas enseadas e ilhotas repletas de trapiches e escritórios. A enorme Pedra do Sal nos separava do resto. Para chegar ao outro lado, eu tinha que dar uma volta enorme no morro da Conceição. Quase toda casa aqui era também um depósito de gente… gente para venda (Cruz, 2023, p. 15).

Além disso, representa o movimento do centro do Rio de Janeiro no século XIX, uma das principais cidades do Brasil colonial, e sua divisão espacial, tendo em vista que o cais que desembarcava os africanos despertava repulsa na aristocracia carioca da época. Por isso, o Cais do Valongo foi construído para desempenhar esse papel e distanciar a imagem de horror da escravidão da rotina "civilizada" do restante da cidade.

Dalcastagnè (2012, p. 91) aponta que

> [...] o romance contemporâneo reforça, em seu interior, os inúmeros diálogos apontados por Bakhtin (1988, p. 72-163) como sendo próprios ao gênero. Diálogos que se estabelecem com a sociedade dentro da qual foi engendrada a obra, com sua história, sua cultura, com outras obras literárias, outros gêneros discursivos.

Isso pode ser verificado em *O crime do Cais do Valongo* (2023). O início da narrativa provoca curiosidade no leitor acerca da situação inicial em que há um crime e um mistério em relação ao culpado pela morte de Bernardo. A história ganha, assim, o formato de romance policial, e desenvolve-se a partir da cena do comerciante encontrado morto na região do Valongo e de uma condução narrativa que guia o leitor para descobrir detalhes, pistas e personagens envolvidos com o defunto e o crime. Nuno, por conta de uma aproximação com o Intendente-Geral da Polícia, Paulo Fernandes Viana, consegue ter acesso a pistas, as quais são apresentadas aos leitores ao longo dos capítulos da obra. O narrador-personagem projetava-se como investigador.

O grande intelectual Abdias do Nascimento (1978, p. 57), ao abordar o tratamento dado aos escravizados pelos senhores, explica que:

> proprietários e mercadores de escravos no Brasil, a despeito das várias alegações em contrário, em realidade submeteram seus escravos africanos ao tratamento mais cruel que se possa imaginar. Deformações físicas resultantes de excesso de trabalho pesado; aleijões corporais consequentes de punições e torturas, às vezes de efeito mortal para o escravo – eis algumas das características básicas da 'benevolência' brasileira para com a gente africana.

Nesse contexto, o personagem Bernardo é a representação desse "proprietário de escravizados". Em muitas cenas da narrativa, ficamos diante das violações cometidas pelo personagem aos negros, especialmente a violência sexual cometida contra Roza desde quando ainda era uma adolescente.

Com isso, ao longo da narrativa, o crime relacionado à morte desse algoz passa a ser um elemento de pano de fundo para o que realmente é importante: os crimes humanitários que eram cometidos no Cais do Valongo. O Valongo é símbolo de crueldade e de violência, como visualizamos a partir da narração da personagem Muana. Segundo ela,

> a proximidade com o mar traz uma umidade que penetra nos ossos, e as ruas no entorno do Valongo estavam pura lama, para piorar o normalmente deplorável estado dos Armazéns e trapiches que guardam pretos e outras mercadorias. Nesses dias torrenciais eu só consigo pensar neles… (Cruz, 2023, p. 41).

Os negros que desembarcavam no cais permaneciam no Valongo até que fossem comprados; enquanto isso, eram alocados em armazéns como produtos. Aqueles que morriam, tinham os corpos alocados no Cemitério do Petros Novos, o qual, conforme Muana, era o depósito dos que "nunca chegaram a chegar" (Cruz, 2023, p. 163).

O Cemitério dos Pretos Novos, que, dentro do romance, ficava próximo à hospedaria Vale Longo, de Bernardo, e emanava um odor "opressivo" (Cruz, 2023, p. 15). Isso ocorria em razão de que os africanos que morriam na região do Valongo tinham, muitas vezes, seus corpos queimados, eram desmembrados e seus restos mortais descartados nesse cemitério sem sepultamento. Tal prática desumana acarretava a caracterização do Valongo como um espaço marcado pela imundície (sujeira e mau odor), bem como pela barbárie.

Não há como fazer uma leitura desse romance sem estabelecer um diálogo com a História do Brasil. O enredo remonta a um tempo histórico concreto, embora se trate da ficcionalização desse período. Contudo, para uma análise da narrativa, também se faz necessária uma compreensão do momento histórico representado, o qual, ao ser investigado por Abdias do Nascimento (1978, p. 48), o intelectual aponta que: "A imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da raça negra fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão".

A narradora-personagem menciona que o Valongo não era povoado, mas ela projeta que "[...] um dia estarão em cima das covas rasas" (Cruz, 2023, p. 15). A obra *O crime do Cais do Valongo* (2023) configura-se dentro de um projeto literário no qual o dialogismo é intencional, para que haja o reconhecimento da realidade histórica e, assim, a literatura se torne uma ferramenta de reescrita da História e ficcionalização do que não foi incorporado ao imaginário social e à memória coletiva dos brasileiros.

Muana, narradora-personagem do romance, é testemunha do percurso percorrido por muitas pessoas que, como ela, desembarcaram no Cais do Valongo: "Eu desci aqui, eu pisei na areia desta praia e depois vi os meus pisarem as pedras deste cais. E ainda vejo a massa esquelética que chega em ondas sucessivas. A cada um que chega penso nos tantos que ficaram no caminho" (Cruz, 2023, p. 188). Pior do que chegar, era morrer pelo caminho e ser jogado no mar.

Os africanos eram acorrentados, organizados em filas e obrigados a descerem em barcos menores para chegarem à costa. Os corpos dos mortos eram amontoados em carroças, conforme a narradora, e enterrados em covas rasas, sem sepultamentos dignos, muito menos seguindo seus rituais. O Cais do Valongo se tornou, dessa forma, o vestígio material da brutalidade da escravidão.

> Quando a chuva forte descia, os corpos enterrados à flor da terra vinham à tona e boiavam em meio ao lixo. Em tempos regulares, queimaram os pedaços de gente amontoados no centro do campo. Quando acompanhava a falecida dona Ignácia à igreja, sempre que o padre falava do inferno, era o cemitério dos escravos que eu imaginava. Os ossos brotando como flores duras e sem cor (Cruz, 2023, p. 161).

Para Dalcastagnè (2012, p. 155), "o espaço é constitutivo da personagem, podemos ler, nas marcas de seu corpo – sejam elas cicatrizes, rubor, gagueira etc. – os seus próprios deslocamentos". A personagem, assim como os outros africanos que pisaram ou morreram no Valongo, é constituída por esse espaço, está ligada a ele.

Essa instância também é sinalizada pela narradora nesta passagem: "Quem chega a este lugar por um tumbeiro, [...], passa a ocupar o pior lugar neste mundo, mas ocupa. Onde ficam os que não são mais de onde vieram e não chegaram a existir aqui? Seria isto o que o padre e os livros de vocês chamam de limbo?" (Cruz, 2023, p. 140). O Valongo e o Brasil passam a ser o lugar ocupado por esses sujeitos, que, forçadamente, precisam ocupar um espaço que não queriam; isso gera um vazio, uma lacuna social, identitária, cultural e espiritual.

O romance projeta a imagem da crueldade da escravidão, mas representa as dinâmicas sociais, políticas e culturais construídas a partir do sistema colonial, especificamente no Rio de Janeiro. Entretanto, além do Rio de Janeiro, cidade em que a história do romance se desenvolve, as cenas retratadas podem ser uma representação do que ocorreu por todo o Brasil, especialmente nos litorais brasileiros, uma vez que, de acordo com Abdias do Nascimento (1978, p. 49),

> Há uma estimativa cujos números me parecem abaixo do que seria razoável, dando 4.000.000 de africanos importados e distribuídos conforme as seguintes proporções, aproximadamente: 38% para o porto do Rio de Janeiro, de onde eles foram redistribuídos para os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás; 25% para o estado da Bahia; 13% para o estado de Pernambuco; 12% para o estado de São Paulo; 7% para o estado do Maranhão, e 5% para o estado do Pará.

Percebe-se, destarte, que a entrada dos africanos no Brasil no período colonial foi operada como uma atividade comercial; as pessoas negras eram entendidas e tratadas como mercadorias, vendidas nos portos e distribuídas por todo o território nacional, assim como narra Muana: "[...] o Valongo tinha toda a modalidade de formas de lucrar conosco. Havia os grandes lazaretos, dos comerciantes mais ricos e outros menores, dos refugados. Aqueles que chegaram à antessala da morte. Havia comércio com estes também" (Cruz, 2023, p. 162).

A moçambicana explica que mesmo aquelas pessoas que chegavam quase mortas eram comercializadas e alimentadas, como "engorda dos bois e porcos para abate" (Cruz, 2023, p. 163), para que conseguissem resistir para realizar o trabalho forçado. Nessa parte, a narradora-personagem segue apresentando ao leitor o cenário em que pessoas eram condicionadas:

> Todos faziam suas necessidades em qualquer lugar. O cheiro era repugnante e quem não estivesse acostumado poderia desmaiar sufocado. Muitas crianças espalhadas, amontoadas. Brincavam umas com as outras, mas quando o leilão começava algo as apagava para sempre. A tristeza e o abatimento eram enormes [...] (Cruz, 2023, p. 163).

O relato testemunhal de Muana é imprescindível para que o leitor compreenda o verdadeiro crime apresentado no romance. Ao discorrer sobre o espaço na narrativa contemporânea, Regina Dalcastagnè (2012, p. 166) explica que:

> Ao dizer que as personagens contemporâneas transportam o espaço em seu corpo, não estava, obviamente, pensando num corpo biológico, em seu traçado genético, mas num corpo tornado social, com as cicatrizes e rasuras próprias de seu tempo e suas circunstâncias. Ao se concentrar na descrição desse corpo, em detrimento das ruas, casas e quartos, a narrativa contemporânea não perde de vista sua função representacional, apenas adensa suas possibilidades (ainda que por meio do desmonte e da distorção). O confronto entre corpos socialmente construídos para ocuparem espaços diferentes parece uma temática oportuna em uma sociedade violenta e repressora. Resta saber a posição que nossa literatura vai assumir para reinterpretar essa realidade.

Os corpos das pessoas negras que desembarcaram no Cais do Valongo estão presos a esse lugar, tanto os vivos, que eram escravizados, quanto os mortos, que tinham seus corpos desovados nesse espaço infernal (na perspectiva de Muana). A literatura de Eliane Alvez Cruz, nesse romance, não só reinterpreta a realidade, mas também desenterra aquilo que foi apagado com cada africano morto e soterrado no Cais do Valongo pela escravidão.

A narrativa percorre um tempo significativo e, ao final, Nuno enuncia que "No caminho de casa, passei pelo, agora, Cais da Imperatriz. Outrora Cais do Valongo, está sendo todo reformado para receber Teresa Cristina Bourbon-Duas Sicílias, a noiva do imperador menino Dom Pedro II" (Cruz, 2023, p. 193). Ao descrever a mudança, a reforma do cais, Nuno questiona se "É possível sepultar para sempre um passado tão tenebroso?" (Cruz, 2023, p. 193). E enuncia: "Eu via apenas aquele píer de pedras 'pés de moleque' onde tantas vezes testemunhei a chegada dos milhares que vinham de muito longe e ali desciam, desfilando excrementos, feridas e solidão debaixo do nosso inclemente astro rei" (Cruz,

2023, p. 193). Na sequência, Nuno exalta a altivez daqueles que ali chegavam e eram condicionados a um espaço tão cruel. A partir disso, o narrador-personagem declara qual fora o verdadeiro crime do cais do Valongo, o qual levará "eras para que seja pago" (Cruz, 2023, p. 193).

A enunciação de Nuno restitui a dignidade das pessoas negras que ali passaram, mas também age na disputa discursiva de poder em relação à contribuição para a formação e para o desenvolvimento do Brasil, em termos sociais, culturais e econômicos. Tal fato é indicado por Abdias do Nascimento (1978, p. 49):

> O papel do negro escravo foi decisivo para os começos da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo, a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a negação e a quebra da sua espinha dorsal, quando, ao mesmo tempo, seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia.

Portanto, a leitura integral do romance possibilita a compreensão de que *O crime do Cais do Valongo* opera como uma ferramenta de combate ao silenciamento arquitetado e praticado pelos colonizadores e escravagistas. Abdias do Nascimento (1978, p. 50) também esclarece um mecanismo específico do colonialismo praticado por Portugal, que se reflete nas formas de racismo existentes no Brasil atualmente:

> Durante séculos, por mais incrível que pareça, esse duro e ignóbil sistema escravocrata desfrutou a fama, sobretudo no estrangeiro, de ser uma instituição benigna, de caráter humano. Isto graças ao colonialismo português que permanentemente adotou formas de comportamento muito específicas para disfarçar sua fundamental violência e crueldade. Um dos recursos utilizados nesse sentido foram a mentira e a dissimulação.

Tendo em vista isso, a convocação da literatura, principalmente por seu caráter humanizador e por ser uma ferramenta de denúncia social, é primordial para a reelaboração imagética do que foi a escravidão, não apenas em solo brasileiro, mas também a nível mundial. Essa demanda é compreendida especialmente por escritores negros brasileiros que engajam seus projetos literários para que a literatura contemporânea seja palco de um movimento de acerto de contas com o passado.

3 Considerações Finais

Na historiografia da literatura brasileira, a literatura não é usada apenas para satisfazer as necessidades de ficcionalização. Para além disso, desde sua origem, ela é mobilizada e produzida em resposta a demandas individuais, políticas, sociais e culturais. Na contemporaneidade, o uso da literatura como ferramenta de engajamento social não é algo novo. Contudo, sua mobilização por grupos historicamente excluídos tem suscitado críticas.

O projeto literário de Eliane Alves Cruz não se difere daquilo que foi empreendido pelos nacionalistas, os quais, por meio da literatura, buscavam construir uma identidade nacional. Ora, Eliana, assim como outras autoras e outros autores negros, faz o mesmo movimento, porém busca construir uma memória nacional coletiva que saiba, entenda e reconheça o que foi, profundamente, a escravidão. O suposto problema posto em discussão por alguns críticos não passa, na verdade, da dissimulação da não aceitação das vozes plurais que romperam as muralhas da tradição literária brasileira, uma vez que, para os conservadores, a literatura está em um lugar de privilégio.

Por fim, percebe-se que espaços como o Cais do Valongo precisam ser revisitados pelos olhares da memória e da ficção. Isso porque a sociedade brasileira é carente de construções imagéticas e ficcionais desse espaço material e de questões que circundam tal monumento histórico.

Referências

CRUZ, E. A. **O crime do Cais do Valongo.** Rio de Janeiro: Malê, 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012. 207 p.

GAMA-KHALIL, M. M. O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. **Revista da Anpoll** [*S. l.*], v. 1, n. 28, 2010. DOI: 10.18309/anp.v1i28.166. Disponível em: https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/166. Acesso em: 26 out. 2025.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938.

ROSA, J. G. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.